

CELEIRO PÚBLICO

ALFÂNDEGA do TERREIRO DO TRIGO

A FAINA DO TRIGO

Como vimos (...) este edifício, **foi construído de raíz para**

Celeiro e Alfândega, **

o velho celeiro do Terreiro do Trigo que D. José, em 1766, mandara construir a fim de «segurar a abundância de pão aos moradores da Sua nobre e leal cidade», como se pode ler na lápide que encima a porta principal do edifício da Sede. *

substituindo assim um antigo terreiro manuelino que servia para o mesmo efeito, também chamado Aconchego do Pão.***

*

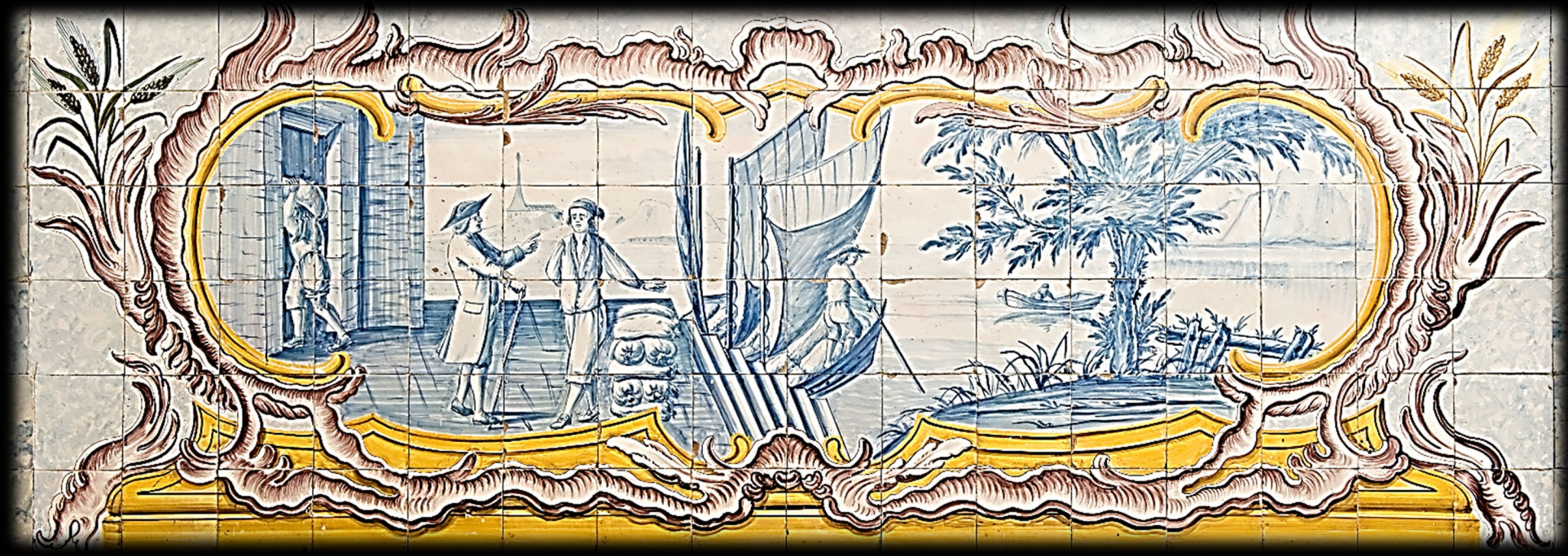
(…) ou “Terreiro do pão” então existente onde atualmente se situa o Ministério das Finanças **

Tinha cais próprio, com escadarias para o rio que continuavam a base de cantaria que sobe pelos seus gigantes ou contrafortes majestosos do lado sul (oito de cada lado), para suporte da impulsão do cereal contra as suas paredes.

Os barcos à vela acostavam, seguindo-se a faina da descarga dos sacos de trigo e seu armazenamento.

**

Terreiro do Trigo | Celeiro público



Painel de azulejo no átrio do Salão Nobre do edifício do Terreiro do Trigo, 1, em Lisboa

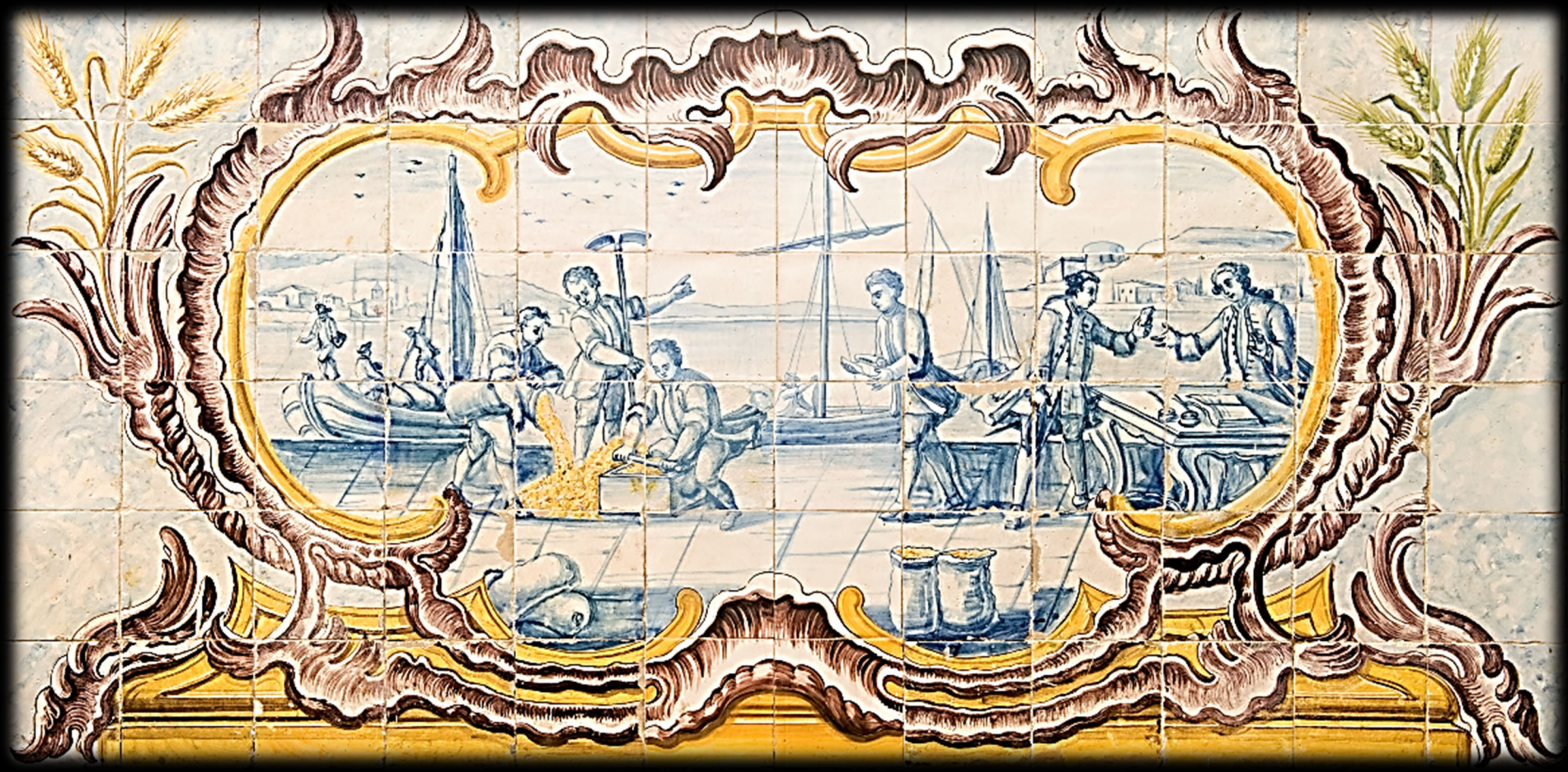
© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação

(…) estão ainda os vestígios desta vida que ali existiu até aos princípios do século e, assim, poderemos adivinhá-la, com os seus rituais característicos:

carregadores transportando sobre os ombros sacos,
trauteando canções ou assobiando, os arrais
fazendo as necessárias manobras de atracação,

os oficiais da Alfândega dando instruções a subordinados seus para a contagem da mercadoria, o pagamento dos direitos devidos pelos comerciantes, etc. **

Terreiro do Trigo | Celeiro público



Painel de azulejo no átrio do Salão Nobre do edifício do Terreiro do Trigo, 1, em Lisboa

© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação

Terreiro do Trigo | Celeiro público



Painel de azulejo no átrio do Salão Nobre do edifício do Terreiro do Trigo, 1, em Lisboa

© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação

O trigo era armazenado na parede sul do edifício (do corpo sul) e na parede sul (do corpo norte), quer no rés-do-chão, quer no 1.º andar.

A razão porque se escolhiam estas duas paredes, era pelo facto de estarem viradas a sul e por isso apanharem mais sol para a sua secagem. A parede sul (do corpo norte) também apanhava sol porque o corpo central, como vimos, era a céu aberto.

Descobriram-se ainda recentemente - tal como os carris - vários buracos nos tetos em abóbada do rés-do-chão por onde o cereal era lançado do 1.º andar para este piso inferior. **

as ZORRAS

Ainda hoje podemos ver quatro carris, dispostos em dois pares, colocados transversalmente, no interior do edifício, por onde então deslizavam veículos de arrasto construídos em madeira - as «zorras». ** e que serviam para transportar o trigo para e no interior do edifício.

Os topos dos lados este e oeste - fachadas laterais em pedra - funcionavam apenas como grandes portas de passagem.

Havia, depois, em todo o interior do edifício, um amplo corredor central totalmente a céu aberto, exceptuando-se o centro que forma uma cruz e que ostentava em cima um lanternim (...) **

Terreiro do Trigo | Celeiro público



Painel de azulejo no átrio do Salão Nobre do edifício do Terreiro do Trigo, 1, em Lisboa

© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação

Subindo ao 1.º ou 2.º andar, pode-se igualmente contemplar um belíssimo conjunto de arcos de alvenaria, solução habilmente encontrada - conjugando a sua funcionalidade com uma estética perfeita - para segurar o peso da impulsão do cereal na parede sul do corpo norte.

Além disso, julgamos que haveria passadiços nos topos oeste e este, pois aí se encontram uma janela em cada uma das fachadas.

Também o edifício teria menos janelas, por todo ele, do que actualmente, até por causa da necessidade de maior espaço para o armazenamento do cereal. **

Até 1777 foi o Senado Municipal da Cidade (antecessora da Câmara Municipal de Lisboa) quem geriu o edifício.

Daí existirem nos cunhais nordeste e noroeste as armas daquela instituição, com a nau vicentina. **

O portão NORTE



© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação/ Revista Aduaneira

Terreiro do Trigo | Celeiro público

ARMAS





© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação/ Revista Aduaneira/António Santos

O portão central

O portão central, imponente, é encimado por uma grande janela de sacada centrada entre dois remates de espigas em relevo, sobre plataformas de cantaria apoiada em consolas robustas. (3)

O imóvel, tal como era, no seu interior, tinha uma certa semelhança com um Mercado Municipal, que tem apenas telhado nas zonas circundantes.**

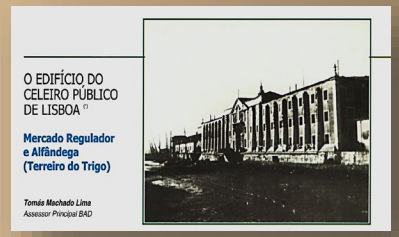
Durante uma certa época também aqui funcionou um Mercado Central de Produtos Agrícolas.

Os carros com animais de tiro, continuaram a transportar mercadorias. Entravam por um portão e saíam por outro e no caminho comerciavam com as lojas situadas nos dois lados do percurso. Igualmente e até aos inícios do século XX, aqui se cobravam alguns impostos relativos a indústrias agrícolas como lagares de azeite, etc. **

Excertos de:



* "A sede da Alfândega de Lisboa: do Terreiro do Paço ao Terreiro do Trigo em Alfândega" Licénio de Mascarenhas, Revista Aduaneira nº 2 1986, pp 26-31



** "O EDIFÍCIO DO CELEIRO PÚBLICO DE LISBOA " , Tomás Machado Lima, Revista das Alfândegas, nº 2

Clique nas imagens acima para ler os 2 artigos

APÓS A LEITURA FECHE O PDF
clicando em X, no canto superior direito.



*** livro: "**Metamorfoses de um lugar- De Alfândega Nova a Museu dos Transportes e Comunicações**"
Jorge Fernandes Alves,
Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações, 1ª ed. Maio 2006, pp 71-84

Pesquisa e Apresentação : Doutora Maria Manuela de Carvalho Rodrigues ©AT-CEF/DD

prosseguir para
Nossa Senhora da Atalaia
PADROEIRA DAS ALFÂNDEGAS



clique na imagem